

Revista de Administração

Administration Advice

Nº 24 – ANO 2 – Dezembro / 2021

 ensino
cartese

CEO Cientista em busca da libertação

Capa: Índices analíticos

ADMINISTRATION ADVICE

Revista de Administração

Aborda assuntos das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas, visando contribuir para a ampliação, aprimoramento e especialização dos conhecimentos no âmbito da Administração



Charles Antonio Kieling
Diretor

(51) 993.594.836
Celular & WhatsApp

(51) 3779.0203
Telefone

www.ensinocartese.com.br

atendimento@ensinocartese.com.br

Av. Protásio Alves, 5381
Bairro Petrópolis
Porto Alegre - RS
CEP: 91.310-002

O Ensino Cartese tem como mantenedora a Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa (OEEP). O nome CARTESE é um acrônimo de Compreender, Aplicar e Revisar as Teorias e Teses. Seu propósito é o de propiciar conhecimentos de ponta, integrando teorias e práticas inovadoras que impulsionem pessoas e empreendimentos, praticando a constante realização do avanço das pesquisas, da qualificação de suas ações institucionais, dos processos de ensino e aprendizado e da produção, desenvolvimento e difusão do conhecimento científico e transformador.

MISSÃO

Desenvolver o ensino e a pesquisa de forma lógica, efetiva, experimental, científica e humanizada, para a autonomia e o crescimento das pessoas e empresas.

VALORES

- Ética
- Profissionalismo
- Consciência científica
- Responsabilidade social e ambiental
- Motivação pelo desafio
- Sinergia

VISÃO

Ser propulsor de excelência no Ensino, nas Pesquisas e nas Inovações.

Ser referência por impulsionar pessoas e negócios.

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer meios ou processos, sem autorização escrita do Ensino Cartese.

EDITORIAL

JORNADAS

Quando perguntamos aos alunos de Administração sobre a carreira profissional, sobre o que querem fazer, sempre escutamos que serão excelentes no que farão. Que terão condições de transformar a realidade. Serão CEOs ou líderes de sucesso. Ocorre que contrariar tais perspectivas sempre causam constrangimentos, e para esses mais apegados ao idealismo sempre terá aquele professor que se aproveitará da ingenuidade dos acadêmicos para lhe alimentar com sonhos, fantasias, idealizações e paixões.

Porém, quando o acadêmico se forma, a realidade chega. É momento de decisão; tem que iniciar por algum caminho. E a partir dali não terá mais o professor que se aproveitou de sua ingenuidade para continuar alimentando idealizações ou esperanças utópicas; a jornada do idealismo, do realismo fantástico acabou e para aqueles que persistirem nessa malfadada estrada, as únicas coisas que poderão fazer é direcionar os passos para ouvir motivadores de plantão.

Fato é que a jornada para se tornar um líder que transforme a realidade acontecerá no longo tempo. Porém, para alguns formados em Administração essa caminhada não será nem sequer iniciada: Diante da realidade terão medo de se tornarem líderes; outros descobrirão que não foram preparados para liderar. Por outra parte, para um pequeno número a jornada será um projeto de vida, e para esses os passos serão dados a cada dia: buscarão conhecimento diferenciado; estabelecerão contatos; compreenderão sobre a necessidade de voltar a escutar aquele professor que constrangia sobre os idealismos; e saberão (como um bem máximo para o atingimento de suas metas) que a caminhada se faz com múltiplas jornadas que se enredam e que ele pode assumir a liderança.

Todo o CEO está determinado a administrar jornadas; desde a sua, bem com a de pessoas, de equipes, organizações, sociedade. E para engajar caminhos, pretensões, comportamentos etc., compreenderá que o Conhecimento daquilo que se faz, e como deve ser feito, é estratégico para as caminhadas, para o enredamento das jornadas. São poucos os que se formam em Administração e chegam a enredar jornadas, pois para isso é imprescindível aplicar ações conforme as Evidências que se encontram nas realidades (de mercado, das organizações, dos comportamentos de grupo etc.), é necessário ter e aplicar Ciência.

Boa leitura!

Prof. Me. Charles A. Kieling

SUMÁRIO

CEO - Cientista em busca da libertação	5
CONHECIMENTO E CIÊNCIA	8
CIÊNCIA, DA ESSÊNCIA À EVIDÊNCIA	9
CIÊNCIA NA GRÉCIA ANTIGA	12
CIÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL	13
O CAMINHO PARA A LIBERDADE [texto para reflexão]	15
 Currículo Profissional - Charles Antonio Kieling	24

CEO

Cientista em busca da libertação

Charles A. Kieling

Quer ser um CEO?

Então se transforme em um cientista, seja um transformador de vidas, gerando mudanças reais e diferenças tangíveis. Para isso existem quatro caminhos inovadores.

Para você que aspira sair da Universidade e iniciar uma carreira como CEO, compreenda que essa jornada pode levar algum tempo.

Refleta, estabeleça metas e trace um mapa de carreira. Mas antes, responda para você mesmo:

1. O que é necessário para liderar organizações, colaboradores, recursos, gerar prosperidade e integrar vantagem ao negócio?
2. Terei estrutura emocional e serei perseverante para me manter na jornada?
3. Detenho o conhecimento e as habilidades que me colocam como referência em relação a outros líderes?
4. Consigo estabelecer processos em grande escala e com retornos financeiros de alto impacto?
5. O que é mais assertivo para me tornar um CEO?

Em um cenário de mercados globais tensionados pela pandemia, com emergentes mudanças nas plataformas e tipos de energia, pelo efeito das políticas que viabilizem ações contra o aquecimento global, com a necessidade constante de redução de custos, ajustes na capacidade instalada, reorganização das políticas trabalhistas etc., é muito difícil encontrar líderes que deem conta de tais complexidades e mantenham a organização em crescimento.

Você pode ser o CEO da vez, eis os **quatro caminhos** de uma liderança transformadora.

1) Diplomata corporativo

Estabeleça redes de relacionamento com as diversas pessoas e equipes que compõem a estrutura da organização, identifique os pontos fortes desses e como você poderá integrá-los para maximizar os negócios. Engaje pessoas e equipes e estabeleça sinergia entre as culturas de grupo e as capacidades instaladas. Juntamente com os processos e as metas de produção, estabeleça canais de comunicação com as equipes, para ouvir feedbacks, sugestões de melhoria e informar sobre as conquistas.

Organize ações de engajamento com clientes, para entender suas reais necessidades, e com parceiros e fornecedores, para mensurar suas capacidades de entrega e de prazos. Tenha como meta atrair talentos excepcionais, e mantenha a atenção em estabelecer sinergia e aprimoramentos contínuos em sua equipe.

2) Professor empreendedor

Desenvolva a habilidade de ser comunicativo e de estabelecer relacionamentos profissionais que propiciem a melhoria das habilidades das pessoas e equipes. Pratique diariamente essa habilidade, como sendo um professor empreendedor, que além de se propor a ensinar, está mais voltado em mediar o conhecimento transformador nos processos. Crie ambientes onde o conhecimento possa ser compartilhado e faça a mediação de forma a fortalecer as relações profissionais e corporativas; seja um gerador de confiança e de novos negócios tendo as pessoas e equipes como referência. Estimule o aprendizado focado em correr riscos para empreender. Construa uma rede de contatos onde o conhecimento estratégico possa ser dinâmico e rapidamente acionável.

3) Vanguardista tático

Estabeleça sua liderança para a realização de ações que coloquem a organização na vanguarda em relação a alguma marca, serviço ou produto, engajando clientes satisfeitos. Antecipe ações frente as potenciais adversidades que podem afetar a organização, as pessoas e equipes, bem como prospecte novas tecnologias que possam auferir alto impacto na capacidade instalada, geradora de riquezas (como margens de lucro, melhoria nos processos, melhoria na entrega de produtos ou serviços, no diferencial de pessoas e equipes, na marca etc.). Some forças para conquistar oportunidades.

4) Autodidata

Busque continuamente o conhecimento que lhe propicie um diferencial, uma vantagem nas negociações. Compreenda que a linha que separa líderes é o conhecimento diferenciado, que é adquirido pelo esforço pessoal, no estudo e pesquisa específicos para determinados problemas. Compreenda que muito do conhecimento adquirido enquanto autodidata não está nas Universidades, mas sim nas organizações onde os mesmos desafios também são enfrentados; também está no comportamento dos clientes, das pessoas e equipes da organização que lidera, na rede de relacionamentos e na cadeia produtiva que se relaciona com a atividade.

Os quatro caminhos que apresentamos, destinados para quem quer ser um líder de alto impacto, um CEO de referência, não necessitam ser tomados conjuntamente. Escolha apenas um e inicie sua jornada. Mas antes de dar os primeiros passos, compreenda o que é ser cientista, ou seja, o que é fazer liderança fundamentada no mundo real e pautada pela libertação. Compreenda algumas diferenças que podem potencializar a liberdade de seus pontos fortes ou que lhe enredam ou lhe aprisionam no senso comum. Compreenda que sua liderança depende do que compreende sobre as evidências.

CONHECIMENTO E CIÊNCIA

Quem disse que entender sobre as coisas é algo simples? De fato, a simplificação nos atraiçoa, faz o senso comum estabelecer comparações errôneas e encontrar respostas como se fossem definitivas e infalíveis. As comparações errôneas e as respostas consideradas pelo senso comum como “definitivas” ou “infalíveis”, são tema de análise desde quando Sócrates, na Grécia Antiga, passou a questionar as pessoas para fazer “parir” (termo utilizado pelo filósofo, pois sua mãe foi parteira) o conhecimento verdadeiro.

O paradigma do senso comum, como foi apontado por René Descartes (século XVII), é de o mesmo se considerar que está sempre certo. Esse fenômeno social em que o senso comum estabelece suas próprias comparações errôneas como sendo verdadeiras, como certas e infalíveis, ou de desconsiderar o conhecimento fundamentado no Método e nas Evidências ou que essas estruturas e respostas cientificamente elaboradas são parte de uma conspiração, constituem a “maior fronteira” a ser transpassada.

Esse fenômeno social, o do senso comum estabelecer comparações errôneas e considerar-se sempre certo, é capturado pelo mercado da ficção, das religiões, da pseudociência. Quando se verifica os gêneros de livros mais vendidos no Mundo, comprovasse que os de religião, de pseudociência, ficção e aventura, são os que se alternam na primeira posição. Livros de Ciência não ficam entre os mais vendidos.

A situação atual desse fenômeno social é similar em todos os tempos e em todos os países. De forma que o senso comum, ao preferir linguagens, narrativas, explicações e comparações afeitas ao religioso, mítico, pseudocientífico, consiste numa sociedade que necessita de atenção. Não é correto criticar, desmerecer ou condenar o senso comum. Deve-se ter humildade e respeitar o senso comum, suas formas e maneira de fazer comparações. Não significa concordar.

O presente trabalho é um breve contexto sobre os assuntos abordados. Não preenche muitas lacunas sobre o Conhecimento Científico e suas estruturas históricas. Todavia, propicia reflexões que independem do caminho que cada qual pretende se conduzir.

CIÊNCIA, DA ESSÊNCIA À EVIDÊNCIA

A base da Ciência no século XXI é o de trabalhar tendo as **Evidências** como referências. Mas nem sempre foi assim. Isso porque quando falamos de Ciência, temos que compreender suas diferenças na História. Ocorre que é habitual dizer que a Ciência surgiu com a Filosofia, na Grécia Antiga, iniciando com Sócrates e tendo em Aristóteles o maior expoente; e quanto a isso há concordância. Porém, a maneira de fazer Ciência pelos filósofos da Grécia Antiga é muito diferente da praticada atualmente pelos cientistas. Ou seja, os filósofos ao tempo de Aristóteles praticavam a Ciência com o propósito de compreender a **Essência** das coisas, sendo que essas, para o filósofo, se distinguem por serem acidentais ou substanciais.

As formas podem ser acidentais ou substanciais. Quando se diz, por exemplo, “Pedro está sentado”, o termo “sentado” indica a forma atual de Pedro, a qual é apenas acidental — sentado ou não, Pedro é Pedro. Mas, caso se afirme “Pedro é homem”, a palavra “homem” indica-lhe a forma substancial ou essencial, sem o que Pedro não poderia ser Pedro. Aristóteles denomina-a “substância segunda” para distingui-la dos indivíduos particulares (no caso, Pedro), que são as “substâncias primeiras”. **A ciência é assim o conhecimento dessas formas substanciais que indicam a essência das coisas.** (Grifo nosso).

Mais: se as essências não estão separadas num mundo inteligível, imóvel e eterno, a ciência que as estuda deve levar em conta as mudanças e os movimentos que ocorrem e que os sentidos registram. A mudança expressa-se quando se diz, por exemplo: “O homem aprendeu a gramática”. Supõe-se que ele não a conhecia, mas que passou a conhecer. Estava privado do conhecimento, e depois o possuiu.

A mudança ou o movimento, assim, é o modo pelo qual uma substância (o homem) supre uma privação anterior (a

ignorância da gramática) para assumir a forma atual (“aprendeu a gramática”). O antigo problema da existência ou não do não-ser é, assim, deslocado pela noção de privação: o não-ser propriamente não existe; o que existe é a substância privada de uma forma, que passa ao ato pela atualização dessa mesma forma desde que a possua “em potência”.

Substância, forma e privação constituem os três princípios internos do movimento, isto é, fazem parte da própria coisa que se move. Mas isso não basta. O movimento requer o espaço para realizar-se. Tal espaço ou lugar é distinto do vazio dos atomistas; este é apenas a ausência do átomo, isto é, o não-ser, enquanto o lugar é o que define os sentidos (esquerda, direita, acima, abaixo etc.) do movimento. Além disso, o movimento supõe a noção de tempo, que o decompõe em antes e depois, sem o que seria inconcebível a passagem da potência ao ato. Como diz Aristóteles, é por meio do tempo que se pode definir “o número do movimento, segundo o antes e o depois”.

Por fim, o movimento também requer algo que o impulsiona. Aristóteles denomina tal força propulsora de *physis*, restaurando-lhe o significado original: *physis* traduz-se por “natureza”, mas é natureza na medida em que significa “engendrar”, “fazer nascer”, “produzir”. E está presente em cada substância, fazendo-a mover-se da privação à forma. Nesse sentido, *physis* é tanto causa formal como causa eficiente.

Fonte: ABRÃO, Bernadette Siqueira (Org). A história da filosofia. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores).

Após o século XVII, mas tendo como expoente o que é realizado no século XX e XXI, os cientistas praticam a Ciência tendo como base as **Evidências**, e a partir dessas realizam

os experimentos. Obviamente que eles aplicam Métodos específicos, mas a atenção para a realização e fundamentação do Conhecimento Científico está naquilo que pode ser classificado como **Evidência**.

QUADRO 1: Referências e objetivos da Ciência no contexto histórico.

CIÊNCIA	REFERÊNCIA	OBJETIVO
Na Grécia Antiga (séc. IV a.C.)	Essência	Compreender as coisas para entender o Mundo
Na Atualidade	Evidência	Desenvolver experimentos para superar as fronteiras do Conhecimento

Fonte: elaborado pelo autor, Charles A. Kieling, 2021.

Mas, para melhor contextualizar as diferenças, vamos verificar esses dois momentos da Ciência (deixaremos para outra oportunidade as características das outras fases históricas).

CIÊNCIA NA GRÉCIA ANTIGA

A Ciência desenvolvida pelos filósofos gregos, e que influenciou gerações, tinha como base a busca e compreensão das formas substanciais, em particular a **Essência** das coisas. E aqui é necessário destacar a ideia de **Essência**, pois essa estava relacionada com outra ideia, a de Verdade; ou seja, quando se conhece a Verdade também se conhece a **Essência** das coisas, suas “substâncias”. Essa busca por conhecer a Verdade, ou seja, a **Essência**, fundamentava a proposta filosófica grega de fazer Ciência; essa só poderia ser alcançada pelo exercício mental, racional e lógico, de observação e interpretação, onde os sentidos humanos são as ferramentas para a realização do conhecimento científico. Nesse contexto, os filósofos da Grécia Antiga aplicavam a Razão, a Lógica e a Dialética para estruturar entendimentos sobre a **Essência** das coisas. Nesse contexto, conhecer e entender sobre a **Essência** era a finalidade da Ciência praticada no século IV a.C.

A **Essência**, para Aristóteles, tinha que ser entendida pela mudança ou modificação que poderia fazer com que uma substância suprisse uma privação. Ocorre que para esse período da História, aproximadamente quatrocentos anos antes do nascimento de Jesus Cristo, a Ciência não compreendia sobre as **Evidências**, bem como não praticavam experimentos tendo as mesmas como base para entender a realidade.

CIÊNCIA NO CONTEXTO ATUAL

Foi a partir de René Descartes (século XVII), quando publicou o livro “Regras para a Direção do Espírito”, e em particular com o seu outro livro “O Discurso do Método”, que temos o início das regras para serem aplicadas pela Ciência. Descartes estabeleceu o Método Dedutivo para o desenvolvimento da Ciência. É com Descartes e outros, como Galileu e Bacon, que temos as origens fundamentais que diferenciarão o *modus operandi* de fazer Ciência em relação aos contextos históricos anteriores. Ou seja, conforme Descartes, para fazer Ciência é necessário aplicar um Método, que no caso do Dedutivo compreende quatro leis ou regras:

1º. EVIDÊNCIA: Jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não **conhecesse evidentemente** (grifo nosso) como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

2º. ANÁLISE: Dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

3º. SÍNTESE: Conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

4º. ENUMERAÇÃO: Fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.

Fonte: Descartes – Discurso do método. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2004. (Os Pensadores). (Adaptado).

O ponto da Ciência atual é o de trabalhar a partir das **Evidências**, pois essas, conforme Descartes, são a base do conhecimento; elas também oportunizam trabalhar com princípios inteligíveis por serem distintas e acessíveis para qualquer indivíduo.

A **Evidência** tem como característica ser algo que mantém sua permanência e verificabilidade no tempo e no espaço. Ou seja, para que qualquer indivíduo possa experimentar, a **Evidência** necessariamente deve ser algo acessível e não exclusivo.

Exemplo 1: a gravidade é uma **Evidência**, ou seja, ela sempre esteve presente em todo o período da Humanidade e antes mesmo do surgimento da vida na Terra; e da mesma forma, qualquer indivíduo pode sentir, trabalhar, verificar ou fazer experimentos com a gravidade.

Exemplo 2: uma fotografia não é uma **Evidência**, mas pode ser utilizada como prova. Fotos e tudo aquilo que pode ser destruído, que perece ou que são exclusivos de um grupo ou de algum indivíduo, não são **Evidências**; porém, é comum esse equívoco pelo senso comum. É comum encontrar tal equívoco entre os que apresentam fotos e imagens referente aos OVNI's – Objetos Voadores Não Identificados, classificando as mesmas como **Evidência**; ocorre que as mesmas só podem ser classificadas como prova de um fenômeno, pois, se um filme ou foto se perder, estragar etc., será dito que ocorreu a perda da prova, e não da **Evidência**.

Portanto, a Ciência na atualidade trabalha a partir das **Evidências**, produzindo experimentos para conhecer mais sobre as coisas. Nesse sentido, compreende-se que Conhecimento Científico, os Experimentos Científicos, as Teorias, as Pesquisas, estão fundamentadas nas **Evidências**.

O CAMINHO PARA A LIBERDADE¹

Não devemos acreditar nos muitos que dizem que só as pessoas livres devem ser educadas, deveríamos acreditar nos filósofos que dizem que apenas as pessoas educadas são livres.

Epicteto, filósofo romano e ex-escravo, *Discursos*

Frederick Bailey era escravo. Quando ainda era menino em Maryland, na década de 1820, não tinha nem mãe, nem pai que olhassem por ele. (“É um costume comum”, escreveu mais tarde, “separar os filhos das mães [...] antes de a criança completar um ano.”) Foi uma das inúmeras crianças escravas cujas perspectivas realistas de uma vida promissora eram nulas.

O que Bailey presenciou e experimentou em seus anos de formação o marcaram para sempre: “Fui muitas vezes despertado ao amanhecer por gritos de cortar o coração, dados por uma tia minha a quem [o capataz] costumava amarrar a uma viga e chicotear-lhe as costas nuas até que ela ficasse literalmente coberta de sangue [...]. Do nascer ao cair do sol, ele rogava pragas, esbravejava, chicoteava e açoitava no meio dos escravos do campo... Parecia sentir prazer em manifestar sua barbárie diabólica.”

Tanto nas plantações como no púlpito, nos tribunais e na sede da assembleia estadual, martelava-se na cabeça dos escravos a noção de que eles eram seres inferiores por hereditariedade, que Deus os *destinara* à desgraça. A Bíblia Sagrada, como confirmavam inúmeras passagens, tolerava a escravidão. Dessa forma, a “peculiar instituição” se mantinha apesar de sua natureza monstruosa – algo que até seus praticantes devem ter vislumbrado.

Havia uma regra muito reveladora: os escravos deviam continuar analfabetos. No Sul antes da Guerra Civil, os brancos que ensinassem um escravo a ler eram severamente punidos. “[Para] criar um escravo satisfeito”, escreveu Bailey mais tarde, “é necessário criá-

¹ Texto para fins de estudo. Fonte: SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1997. Capítulo 21 - escrito com Ann Druyan.

lo estúpido. É necessário obscurecer a sua visão moral e intelectual, e, na medida do possível, aniquilar o poder da razão.” É por isso que os senhores devem controlar o que os escravos ouvem, veem e pensam. É por isso que a leitura e o pensamento crítico são perigosos, na verdade subversivos, numa sociedade injusta.

Vamos agora imaginar Frederick Bailey em 1828 – um menino afro-americano de dez anos, escravizado, sem direitos legais de espécie alguma, havia muito arrancado dos braços da mãe, vendido entre os remanescentes esfarrapados de sua família extensa como se fosse um bezerro ou um pônei, enviado a uma casa desconhecida na cidade estranha de Baltimore e condenado a uma vida de trabalhos pesados, sem nenhuma perspectiva de alívio.

Bailey foi trabalhar na casa do capitão Hugh Auld e sua esposa, Sophia, mudando-se da plantação para a agitação urbana, do trabalho no campo para o trabalho doméstico. Nesse novo ambiente, ele se deparava todos os dias com letras, livros e pessoas que sabiam ler. Descobriu o que chamava “o mistério” da leitura: havia uma conexão entre as letras na página e o movimento dos lábios do leitor, uma correlação quase de um para um entre os rabiscos pretos e os sons pronunciados. Sub-repticiamente, ele estudava na *Cartilha Webster* do pequeno Tommy Auld. Memorizava as letras do alfabeto. Tentava compreender os sons que elas representavam. Finalmente, pediu a Sophia Auld que o ajudasse a aprender. Impressionada com a inteligência e a aplicação do menino, e talvez desconhecendo as proibições, ela aquiesceu.

Quando Frederick já estava soletrando palavras de três e quatro letras, o capitão Auld descobriu o que estava se passando. Furioso, mandou Sophia parar com as lições. Na presença de Frederick, ele explicou:

Um preto deve saber apenas obedecer ao seu senhor – deve cumprir as ordens. O conhecimento *estragaria* o melhor preto do mundo. Se você ensinar esse preto a ler, não poderemos ficar com ele. Isso o inutilizaria para sempre como escravo.

Auld repreendeu Sophia dessa maneira, como se Frederick Bailey não estivesse na sala com eles, como se o garoto fosse um pedaço de madeira.

Mas Auld tinha revelado a Bailey o grande segredo: “Eu agora compreendia [...] o poder do homem branco de escravizar o homem negro. A partir daquele momento, eu compreendi qual era o caminho da escravidão para a liberdade”.

Sem mais ajuda da agora reticente e intimidada Sophia, Frederick encontrou maneiras de continuar a aprender a ler, inclusive conversando com os colegas nas ruas. Depois ele começou a ensinar seus colegas escravos: “Suas mentes estavam famintas [...]. Eles estavam fechados na escuridão mental. Eu lhes ensinei, porque esse era o prazer da minha alma”.

A capacidade de ler desempenhou um papel-chave na fuga de Bailey para a Nova Inglaterra, onde a escravidão era ilegal e os negros livres. Mudou o nome para Frederick Douglass (em homenagem a uma personagem de *The lady of the lake*, de Walter Scott), esquivou-se dos caçadores de gratificações que perseguiram os escravos fugidos e tornou-se um dos maiores oradores, escritores e líderes políticos na história norte-americana. Durante toda a sua vida, ele teve certeza de que a alfabetização fora o caminho para a liberdade.

Durante 99% do período de existência dos seres humanos, ninguém sabia ler ou escrever. A grande invenção ainda não fora criada. À exceção da experiência em primeira mão, quase tudo o que conhecíamos era transmitido oralmente. Como no brinquedo infantil “telefone sem fio”, durante dezenas e centenas de gerações, as informações foram lentamente distorcidas e perdidas.

Os livros mudaram tudo isso. Passíveis de serem adquiridos a um preço barato, eles nos possibilitam interrogar o passado com alto grau de precisão; estabelecer comunicação com a sabedoria de nossa espécie; compreender o ponto de vista de outros, e não apenas o dos que estão no poder; considerar – com os melhores professores – as ideias extraídas a duras penas da Natureza pelas maiores inteligências que já existiram em todo o planeta e em toda a nossa história. Permitem que pessoas há muito tempo mortas falem dentro de nossas cabeças. Os livros podem nos acompanhar por toda parte. Pacientes quando custamos a compreender, eles nos deixam rever as partes difíceis quantas vezes desejarmos, e jamais criticam nossos lapsos. Os livros são essenciais para compreender o mundo e participar de uma sociedade democrática.

Por alguns padrões, os afro-americanos têm feito enormes progressos, na questão da alfabetização desde a Emancipação. Em 1860, segundo as estimativas, apenas uns 5%

dos afro-americanos sabiam ler e escrever. Já em 1890, 39% eram considerados alfabetizados – pelo censo dos Estados Unidos; e, em 1969, 96%. Entre 1940 e 1992, o índice de afro-americanos que tinham completado o segundo grau aumentou drasticamente, de 7% para 82%. Mas pode-se questionar com razão a qualidade dessa educação e os padrões de alfabetização testados. Isso se aplica a qualquer grupo étnico.

Um levantamento nacional feito pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos retrata um país com mais de 40 milhões de adultos sofrivelmente alfabetizados. Outras estimativas são muito piores. O grau de alfabetização dos adultos jovens caiu dramaticamente na última década. Apenas 3% a 4% da população atinge o mais alto dos cinco níveis de leitura (basicamente todos nesse grupo frequentaram a escola superior). A imensa maioria não tem ideia de como é pobre a sua capacidade de leitura. Apenas 4% dos que atingem o nível mais alto de leitura são pobres, mas 43% dos que têm o nível mais baixo de leitura vivem com poucos recursos. Embora não seja o único fator, em geral quanto melhor se lê, mais se ganha – uma média de cerca de 12 mil dólares por ano no mais baixo desses níveis de leitura e cerca de 34 mil no mais alto. Parece ser uma condição necessária, ainda que não suficiente, para ganhar dinheiro. E é muito mais provável que alguém vá para a cadeia se é analfabeto ou pouco alfabetizado. (Ao avaliar esses fatos, devemos tomar cuidado para não deduzir inapropriadamente uma relação causal a partir de uma correlação.)

Da mesma forma, as pessoas mais pobres cuja alfabetização é sofrível tendem a não compreender programas eleitorais que poderiam ajudá-las e a seus filhos, e em números espantosamente desproporcionais deixam de votar. Isso contribui para solapar a democracia em suas raízes.

Se Frederick Douglass, uma criança escravizada, conseguiu ensinar a si mesmo o caminho para o conhecimento e a grandeza, por que alguém em nossos tempos mais esclarecidos continuaria incapaz de ler? Bem, não é assim tão simples – em parte, porque poucos de nós somos tão inteligentes e corajosos quanto Frederick Douglass, mas também por outras razões importantes: se crescemos num lar em que há livros, em que nos leem histórias, em que pais, irmãos, tias, tios e primos leem por prazer, aprendemos naturalmente a ler. Se ninguém perto de nós gosta de ler, onde está a prova de que vale a pena o esforço? Se a qualidade da educação a que temos acesso é inadequada, se não nos ensinam a pensar, mas só a repetir uma decoreba automática, se o conteúdo do que nos dão para ler provém de uma cultura quase alienígena, aprender a ler pode ser um caminho de pedras.

É preciso internalizar, para que se tornem uma segunda natureza, dezenas de letras maiúsculas e minúsculas, símbolos e sinais de pontuação; memorizar milhares de grafias mudas numa base de palavra por palavra; e acostumar-se com uma série de regras de gramática rígidas e arbitrárias. Se estamos preocupados com a falta de apoio familiar básico, ou se somos jogados num mar turvo de raiva, abandono, exploração, perigo e ódio contra nós mesmos, podemos muito bem concluir que ler custa muito esforço e simplesmente não vale a pena. Se ouvimos repetidamente a mensagem de que somos estúpidos demais para aprender (ou, o equivalente funcional, legais demais para aprender), e não há por perto ninguém que a contradiga, podemos muito bem seguir esse conselho pernicioso. Há sempre crianças – como Frederick Bailey – que vencem as dificuldades. Muitíssimas não conseguem.

Mas, além de tudo isso, há um modo particularmente insidioso de golpear quem é pobre na sua tentativa de ler – e até de pensar.

Ann Druyan e eu somos de famílias que conheceram a pobreza aflitiva. Mas nossos pais foram leitores apaixonados. Uma de nossas avós aprendeu a ler porque o pai, agricultor de subsistência, negociou um saco de cebolas com um professor itinerante. Ela leu pelos cem anos seguintes. As escolas públicas de Nova York tinham martelado na cabeça de nossos pais a importância da higiene pessoal e a teoria de que as doenças são causadas por germes. Eles seguiam as recomendações sobre nutrição infantil do

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos como se elas tivessem sido entregues no monte Sinai. O livro do governo sobre saúde infantil que tínhamos fora colado várias vezes, quando as páginas caíam. Os cantos estavam estragados. Os principais conselhos foram sublinhados. Era consultado em toda crise médica. Por certo tempo, meus pais pararam de fumar – um dos poucos prazeres que lhes era acessível nos anos da Depressão – para que os filhos pequenos pudessem ter vitaminas e suplementos minerais. Ann e eu tivemos muita sorte.

As pesquisas recentes mostram que muitas crianças que não possuem o bastante para comer acabam tendo diminuída a sua capacidade de compreender e aprender (“dano cognitivo”). Elas não precisam estar morrendo de fome para que isso aconteça. Até uma subnutrição leve – o tipo mais comum entre os pobres da América do Norte – pode causar esse dano. Isso pode acontecer antes de o bebê nascer (se a mãe não estiver comendo o suficiente), nos primeiros anos de vida ou na infância. Quando não há comida suficiente, o corpo tem de decidir como vai investir os alimentos limitados que recebe. A sobrevivência

vem em primeiro lugar. O crescimento vem em segundo. Nessa triagem nutritiva, o corpo parece obrigado a classificar o aprendizado em último lugar. Melhor ser estúpido e vivo, segundo seu julgamento, do que inteligente e morto.

Em vez de demonstrar entusiasmo, gosto pelo aprendizado – como a maioria dos garotos saudáveis –, a criança subnutrida se aborrece, torna-se apática, sem reação. A subnutrição mais grave causa diminuição de peso no nascimento e, nas suas formas mais extremas, cérebros menores. Entretanto, até uma criança que parece perfeitamente saudável, mas não tem ferro suficiente, por exemplo, sofre uma diminuição imediata na capacidade de se concentrar. A anemia por deficiência de ferro talvez chegue a afetar um quarto de todas as crianças de baixa renda nos Estados Unidos; ela prejudica a atenção e a memória, podendo ter consequências que chegam até a idade adulta.

O que antes se considerava uma subnutrição relativamente leve é agora compreendido como um estado potencialmente associado a danos cognitivos para toda a vida. As crianças que ficam subnutridas mesmo por períodos curtos sofrem diminuição da sua capacidade de aprender. E milhões de crianças norte-americanas passam fome toda semana. O envenenamento por chumbo, que é endêmico nas cidades do interior, também causa sérias deficiências de aprendizado. Segundo muitos critérios, o índice de pobreza nos Estados Unidos tem crescido constantemente desde o início dos anos 80. Quase um quarto das crianças norte-americanas vive agora na pobreza – a taxa mais elevada no mundo industrializado. De acordo com uma estimativa, somente entre 1980 e 1985, o número de bebês e crianças norte-americanos que morreram de doenças evitáveis, subnutrição e outras consequências da pobreza extrema supera o de todas as mortes de norte-americanos em combate na Guerra do Vietnã.

Alguns programas sabidamente instituídos em nível federal ou estadual, nos Estados Unidos, tratam da desnutrição. O Programa Especial de Alimentação Suplementar para Mulheres, Bebês e Crianças (WIC), os programas de merenda escolar, o Programa de Verão para a Alimentação – todos provaram que funcionam, embora não atinjam todas as pessoas que deles necessitam. Um país tão rico é certamente capaz de dar bastante comida a todas as suas crianças.

Alguns efeitos deletérios da desnutrição podem ser anulados; a terapia de reposição de ferro, por exemplo, pode corrigir algumas consequências da anemia por deficiência desse elemento. Mas nem todos os danos são reversíveis. A dislexia – várias desordens que prejudicam a capacidade de ler – talvez afete até 15% de nós ou mais, tanto pobres

como ricos. Suas causas (biológicas, psicológicas ou ambientais) são frequentemente indeterminadas. Mas existem agora métodos que ajudam muitas pessoas com dislexia a aprender a ler.

Ninguém deveria deixar de aprender a ler por não ter acesso à educação. Mas há muitas escolas nos Estados Unidos em que a leitura é ensinada como um passeio tedioso e relutante pelos hieróglifos de uma civilização desconhecida, e há muitas salas de aula em que não se pode encontrar um único livro. Lamentavelmente, a demanda de aulas de alfabetização para adultos supera em muito a oferta. Programas de educação básica de alta qualidade, como o Head Start, podem ter enorme sucesso em preparar as crianças para a leitura. Mas o Head Start atinge apenas de um terço a um quarto das crianças aptas em idade pré-escolar, muitos de seus programas têm sido enfraquecidos por cortes no financiamento, e tanto ele como as ações de nutrição que mencionei estão sob novo ataque no Congresso, no momento em que escrevo.

O Head Start é criticado num livro de 1994, *The bell curve* (A Curva Sino), de Richard J. Herrnstein e Charles Murray. A sua argumentação foi caracterizada por Gerald Coles, da Universidade de Rochester:

Primeiro, financia-se inadequadamente um programa para crianças pobres, depois nega-se todo sucesso alcançado em face dos obstáculos esmagadores, e por fim conclui-se que o programa deve ser eliminado porque as crianças são intelectualmente inferiores.

O livro, que recebeu uma atenção surpreendentemente respeitosa pela mídia, conclui que há uma diferença hereditária irreduzível entre negros e brancos – cerca de dez ou quinze pontos em testes de inteligência. Numa resenha, o psicólogo Leon J. Kamin conclui que “[os] autores deixam repetidamente de fazer a distinção entre correlação e causação” – uma das falácias em nosso *kit* de detecção de mentiras.

O Centro Nacional de Alfabetização Familiar, com base em Louisville, Kentucky, tem implementado programas que ensinam os filhos e os pais a ler, destinados a famílias de baixa renda. Funcionam da seguinte maneira: a criança, de três a quatro anos, frequenta a escola três vezes por semana junto com um dos pais, um dos avós ou uma pessoa responsável. Enquanto o adulto passa a manhã aprendendo habilidades acadêmicas

básicas, a criança assiste a uma aula pré-escolar. Os pais e os filhos se encontram para almoçar, e depois passam o resto da tarde “aprendendo a aprender juntos”.

Um estudo de acompanhamento de catorze desses programas em três estados revelou: (1) embora todas as crianças tivessem sido apontadas como alunos que corriam o risco de repetência pré-escolar, apenas 10% ainda foram consideradas sujeitas a esse risco pelos seus atuais professores da escola primária; (2) mais de 90% foram consideradas alunos motivados a aprender pelos seus atuais professores da escola primária; (3) *nenhuma* das crianças teve de repetir nenhuma série na escola primária.

O desenvolvimento dos pais não foi menos intenso. Instados a descrever como as suas vidas tinham mudado em consequência do programa de alfabetização familiar, as respostas típicas mencionaram maior autoconfiança (quase todos os participantes) e autocontrole, sucesso em exames de cursos equivalentes ao segundo grau, admissão à escola superior, novos empregos e um relacionamento muito melhor com os filhos. As crianças são descritas como mais atenciosas para com os pais, desejosas de aprender e – em alguns casos, pela primeira vez – com esperanças no futuro. Esses programas também podiam ser usados em séries posteriores para ensinar matemática, ciência e muita coisa mais.

Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar ideias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!

Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados – talvez o mais elevado – de cidadãos alfabetizados no mundo. (É claro, escravos e mulheres não contavam naqueles tempos.) Já em 1635, havia escolas públicas em Massachusetts, e em 1647 a educação era obrigatória em todas as cidades com mais de cinquenta “famílias”. No século e meio seguinte, a democracia educacional se espalhou por todo o país. Os teóricos políticos vinham do exterior para presenciar a maravilha nacional: multidões de trabalhadores comuns que sabiam ler e escrever. O zelo norte-americano pela educação para todos fomentava as descobertas e as invenções, um vigoroso processo democrático e uma mobilidade social que insuflava a vitalidade econômica da nação.

Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são considerados alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples – muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral. E os livros da sexta série de hoje são muito menos desafiadores do que os de algumas décadas atrás, ao passo que as exigências de saber ler e escrever nos empregos se tornaram mais rigorosas do que nunca foram.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa autoestima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha.

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais – o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.

Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

Fonte deste Título 6: SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1997.



Currículo Profissional

Charles Antonio Kieling



É Cientista Social atuando como professor universitário e empresário. Possui mestrado em Ciências Sociais pela PUCRS (2004) e graduação em Licenciatura Plena em História pela UCS (1996); é diretor do Ensino Cartese (2021 a atual); lecionou na Faculdade da Serra Gaúcha (2004-2007), na Universidade Feevale (2008-2020) e na Faculdade SENAC (2016-2018); atualmente trabalha na Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa; desenvolveu pesquisas no âmbito da Segurança Pública, Legislação Policial-Militar, Prisões, Organizações Públicas, Políticas Públicas, Gestão Pública, Segurança Privada, Empreendedorismo e Riscos Corporativos; estruturou o primeiro mapa da violência e da criminalidade com fundamentação para cenários de inteligência e prevenção da violência e criminalidade; elaborou Projetos Públicos executados em Caxias do Sul, Vacaria, Guaporé e Novo Hamburgo; desenvolveu projetos públicos envolvendo instituições municipais, estaduais e federais, coordenando atividades articuladas entre órgãos públicos e comunidades, e o que deu início no Rio Grande do Sul para equipar as Guardas Municipais com arma não letal. Desenvolveu Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação de Segurança Pública e de Gestão Pública, dos cursos de pós-graduação Especialização de Riscos em Segurança Privada, Especialização em Segurança Pública, Especialização em Gestão Pública e MBA em Defesa Civil. Como empresário é sócio-administrador e diretor da Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa, ministrando cursos profissionalizantes e palestras sobre Introdução em Ciência Básica em escolas públicas e privadas; desenvolve pesquisas bibliográficas, documentais e de caso, e de mapeamentos de cenários e de riscos corporativos; é editor da Revista Cosmos Espírita (versão eletrônica) e da Revista de Administração *Administration Advice* (versão eletrônica); é consultor empresarial em estratégias, prospecção de cenários e análise de riscos corporativos. Tem experiência na área de História e Ciências Sociais, com ênfase em História, Organizações e Sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino e ciência básica, métodos científicos, culturas, comportamentos, segurança privada, segurança pública, organizações públicas, políticas públicas, negociação empresarial, ética, recursos humanos, direitos humanos, cidadania, inteligência, gestão, estratégia e riscos corporativos; é autor do livro O golpe de 1992 (publicado em 1998) e do livro O manifesto da cidadania (publicado em 2001).

• • •

ERH CONTABILIDADE

www.erhcontabilidade.com.br

elisabete@erhcontabilidade.com.br

(51) 999.292.223

Missão

Consolidar processos contábeis que alavanquem a prosperidade de clientes e colaboradores.